

Boa noite a todos!

Obrigado pela presença!

Naiara, minha querida irmã, cabeça erguida, sempre! Você é filha de Herbert Carneiro!

Há quase 2 anos atrás, meu pai tomava assento na honrada cadeira de Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. E o fez citando as seguintes palavras do Papa Francisco: “Ter fé não significa estar livre de momentos difíceis, mas ter a força para os enfrentar sabendo que não estamos sozinhos”.

Se referia à sua futura gestão presidencial. Mal sabia que o célebre ensinamento lhe serviria para um evento maior, que o transformaria intensamente, bem como aqueles que o rodeavam.

Perda irreparável. Estas duas palavras têm um conteúdo que se aplica ao Dr. Herbert em todas as suas facetas. Aplica-se a ele como pai, como marido, como filho, como irmão, como amigo e como profissional.

Nos últimos dias, eu e minha família recebemos inúmeras homenagens. Dentre elas, vários textos que, de maneira fiel, narram a apoteótica trajetória e descrevem graciosamente a pessoa do meu pai. Mas agora estou aqui com a missão de acrescentar às essas biografias relatos que talvez somente eu, seu filho, possa colaborar.

E o faço com a grande honra de estar presente nesta igreja, afinal, a religião foi companheira inseparável de Herbert Carneiro. E é verdade, nos seus últimos momentos ele sussurrou: “sinto que Jesus está me chamando”.

Aos que não sabem, durante um tempo meu pai tentou ser padre. Embora coroinha exemplar e pregador dedicado, foi prontamente desaconselhado pelo sacerdote da pequena Conceição do Mato Dentro. O celibato não seria sua missão. Noutros tempos, igualmente sonhou em ser jogador de futebol. Se gabava de ter nas pernas a habilidade de um ambidestro. Sonhos de criança. A vida também não quis assim.

No Direito ele se encontrou, pessoalmente e financeiramente. Não era mais necessário salivar com as frutas e quitutes que antes não podia arcar. Os tempos de estudante, de comida escassa e roupas “de

segunda mão” também haviam ficado para trás. Na magistratura ele podia aliar seu lado eclesiástico no trato com as pessoas, seus dribles de futebol no exigente jogo de cintura da judicatura, e sua real vocação de transmitir bons valores.

Em algumas oportunidades ouvi de distintos amigos: “o Tribunal está matando o seu pai”. Ouso discordar. Seria apequenar tudo aquilo que o doce exercício de magistrado lhe trouxe. Que no Tribunal de Justiça, de uma forma geral, se encontre desumanidade e deslealdade, há de ser um fato inegável. Muitos descuidam-se do “poder da caneta”, ainda que, num plano maior, seja algo altamente fluido. Mas este não é um “privilégio” tão somente do Judiciário. A falência do espírito humano infelizmente está diluída no ar. E o meu pai foi astuto ao me ensinar a distingui-la. E mais: a combatê-la.

Neste momento, abro, com a devida autorização, ainda mais a intimidade da minha família. E o faço como justa homenagem a quem foi a grande responsável por meu pai ter sensibilizado tantos corações: minha mãe, alvo do mais genuíno amor que ele sentiu em vida. Mãe, sem você, meu pai seria mais um. Com você, ele foi Herbert Carneiro. Divido, com todos os presentes, pequena parte dos dias de angústia da minha mãe. Em singelo diário, ela narrou a esperança de que dias melhores estariam por vir:

“Em setembro de 2016, meu amado passou por uma maratona de exames e 2 biópsias constataram um câncer no pâncreas, em localização muito delicada do órgão. Num primeiro momento, perdi o chão, fiquei nervosa e preocupada. Teria que enfrentar essa doença com muita fé e esperança. Meus filhos sempre ao nosso lado, dando força e acreditando na cura do pai. O tratamento seria longo com radioterapia e quimioterapia. As chances de cura eram incertas. Participei a triste notícia aos familiares e amigos, e imediatamente todos entraram em orações, inclusive os outros movimentos da nossa paróquia. Antes de começar o tratamento comecei a assistir a novena do “Divino Pai Eterno”, tomar a água benta com muita fé e lavava o local do tumor no pâncreas. Eu já conhecia a novena do “Divino Pai Eterno”, pois a acompanhava todos os dias. Diante desse quadro doloroso, chamei o Herbert para acompanhar a novena e, com muita fé, rezávamos, e tínhamos a certeza de sua cura. Em 2018, ao realizar novos exames, foi constatado que não estava curado. Assim, no dia 6 de abril de 2018, às 1:12hs, veio a óbito, falecendo no hospital Mater Dei, aos 58 anos de idade”.

Mãe, se acalme! Os dias melhores chegaram. Por sua causa o menino simples de Conceição do Mato Dentro pôde sonhar alto. Sua fé foi recompensada e operou milagre: quem poderia imaginar que aquele garoto franzino e inquieto seria digno de tanta admiração? Permaneça forte! Preciso de você!

Acredito ser oportuno, ainda, fazer a leitura da última mensagem de celular que o meu pai dirigiu a mim, após penosos dias e noites dividindo o CTI:

“Te amo filho querido! Deus está no comando de tudo! Estou bem mais tranquilo! Vamos continuar nossa caminhada, com muita dignidade, e acreditando sempre na cura plena. Deus lhe pague por tudo, especialmente quando você viu, seu pai, passando por dificuldade e dor e, com muita paciência, só me ajudou a passar pela tempestade. Estou nas mãos de Deus. O que ele mandar acatarei serenamente, mas quero viver mais, para ajudar muito mais pessoas, especialmente os mais carentes. Vamos juntos filho querido!”.

Nas recentes e surreais conversas que tivemos, meu pai me fez 2 pedidos: filho, primeiro, não me deixe partir sofrendo; e, segundo, honre sempre minha memória. A primeira solicitação foi duramente atendida. Ele partiu diante dos meus olhos e enfrentou a doença deixando mais um legado de força, nunca tendo perdido a dignidade. O segundo requerimento, aos que pensam que para honrá-lo eu tenha que alcançar os mais altos cargos jurídicos existentes, ele explicou: “seja feliz e, pela minha memória, continue sendo exatamente quem você é. Porque você me ama sentado na cadeira da Presidência do Tribunal como me amaria sentado em um ponto de ônibus qualquer. Tenho consciência disso e sei que poucas pessoas podem fazer esta afirmação”.

Assim, repito: são muitas as manifestações de carinho e admiração à figura do meu pai. Recados que querem nomear de “Herbert Carneiro”, APAC’s, salas, edifícios, ruas e avenidas. Para ir além, quem sabe começarmos por alterar a “Vara de Execuções Criminais” para “Vara Herbert Carneiro”? Não se preocupem amigos! Não precisamos ir tão longe. Deixemos todas as polêmicas de lado. A vontade em homenagear é grande, mas o espírito franciscano do meu pai não há de ser ambicioso.

Com o perdão a todas as religiões e filosofias que aqui se façam presentes, exponho a minha crença. Nela, meu pai não se encontra em conceitos de céu, inferno, paraíso ou tártaro. Meu pai está nos

meus cabelos; na minha maneira de ser; na decisão da minha irmã de fazer a 1ª etapa do exame da ordem dos advogados, 2 dias após o velório, e ser aprovada; está no coração da minha mãe; na aproximação dos seus irmãos no momento de necessidade; está nos lindos olhos da minha avó Nini; nas experiências e histórias que cada um teve com ele em vida. E é por isso que afirmo que estará presente, ainda, na formatura em Direito da minha irmã este ano; no meu casamento em setembro; e ao lado da minha mãe, sempre que ela precisar de colo.

Por fim, gostaria de, em nome da família, agradecer a cada manifestação de carinho, reconhecimento e admiração. Evito citar nomes para não incorrer em injustiças. Mas, de uma forma geral, obrigado à minha família; aos médicos e enfermeiros que nos acompanharam; aos amigos militares que cuidaram de nossa segurança; aos colegas da Presidência do Tribunal de Justiça; a todos os leais magistrados e servidores do Tribunal; aos representantes do Executivo e Legislativo, que permitiram ao meu pai uma gestão singular; aos advogados, defensores públicos e membros do Ministério Público; aos membros da Igreja; e a todos os demais amigos e admiradores.

O exemplo do meu pai está aí, tão somente para quem quiser e achar devido.

Boa noite a todos!